

SMALL DETAILS, BIG DISCOVERIES: A ESCRITA COMO PRÁTICA VIVA EM CONTEXTO BILÍNGUE

Erika Ferreira da Silva

RESUMO

Este artigo apresenta uma experiência pedagógica desenvolvida com alunos do 2º ano do ensino fundamental (Grade 2) em contexto bilíngue, cujo foco foi o desenvolvimento da escrita em inglês a partir da linguagem descritiva em perspectiva transdisciplinar. A proposta fundamentou-se na Psicogênese da Língua Escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999; SOLER GALLART, 2019), que reconhece a criança como sujeito ativo na formulação de hipóteses, e em estudos sobre consciência fonológica e irregularidades grafema–fonema em língua adicional (MORAIS, 2019). Apoia-se também na concepção da escrita como prática social e multimodal (ROJO, 2012), na abordagem socioconstrutivista (VYGOTSKY, 1998), na análise dos Six Traits of Writing (SPANDEL, 2013) e nas contribuições do pensamento complexo e da transdisciplinaridade (MORIN, 2000). No campo do bilinguismo, a experiência dialoga com o conceito de translanguaging (GARCÍA; WEI, 2014; MEGALE, 2018, 2021), que legitima o uso integrado dos repertórios linguísticos na aprendizagem. A metodologia configurou-se como estudo de caso qualitativo (BOGDAN; BIKLEN, 1994), envolvendo 15 crianças de 7–8 anos. As práticas pedagógicas incluíram tricky words, family words, rotinas de pensamento (RITCHHART, 2015), estratégias de model to apply e atividades integradas a Ciências da Natureza, Linguagens e Matemática. O projeto Small Details, Big Discoveries constituiu o eixo articulador, promovendo observação minuciosa com microscópios, lupas, canetas digitais, fotografia, imagens e inteligência artificial para produção de descrições detalhadas. Os resultados evidenciam avanços na clareza descritiva, na organização textual, na escolha lexical e na emergência da voz autoral. Conclui-se que a escrita na língua adicional, quando desenvolvida de maneira contextualizada, transdisciplinar e translinguística, favorece não apenas a competência linguística, mas também a autoria, o pensamento crítico e a integração de conhecimentos.

Palavras-chave: Alfabetização; Bilinguismo; Multiletramentos.

Introdução

A alfabetização em contexto bilíngue desafia concepções tradicionais de ensino de língua estrangeira. Não se trata apenas de transmitir vocabulário ou estruturas gramaticais, mas de compreender a escrita como prática social, mediadora de aprendizagens e promotora de autoria. Para tanto, é necessário um olhar que reconheça a criança como sujeito ativo, produtor de hipóteses (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999), e que considere os processos cognitivos, sociais e culturais implicados na apropriação da linguagem.

A linguagem é um dos principais instrumentos por meio dos quais as crianças constroem o pensamento, comunicam-se e dão sentido às suas experiências no mundo (CAMERON, 2001; VYGOTSKY, 1998). Nesse processo, a escrita ocupa lugar central: mais do que registrar ideias, ela organiza, estrutura e expande o raciocínio, tornando-se fio condutor da aprendizagem. No contexto de imersão bilíngue, essa perspectiva ganha especial relevância, pois a língua adicional não é apenas conteúdo a ser aprendido, mas meio de expressão, mediação e construção de identidades (SHIN; CRANDALL, 2014). É a partir dessa compreensão que se delineia o objetivo da presente experiência: relatar de que modo a escrita em inglês, enquanto prática transdisciplinar, promove uma aprendizagem significativa conectada às vivências cotidianas das crianças, estimulando curiosidade, pensamento crítico e construção de sentidos.

Fundamentação teórica

Ferreiro e Teberosky (1999) demonstraram que a criança aprende a escrever por meio da formulação ativa de hipóteses, ideia que rompe com a visão da alfabetização como simples decodificação. Essa concepção é ampliada ao considerar a alfabetização em contextos multilíngues, destacando que o contato com duas ou mais línguas amplia a consciência crítica e metalinguística do aprendiz, pois, “[...] ao estar exposto a duas ou mais línguas, adquire-se experiência com a linguagem em diferentes contextos, e essa experiência tem consequências importantes” (TEBEROSKY; SOLER GALLART, 1999, p. 74).

Essa perspectiva encontra eco no trabalho de Arthur Gomes de Moraes (2019), que ressalta a importância da consciência fonológica para a apropriação da escrita. No caso do inglês, marcado por irregularidades ortográficas, tal consciência é essencial para que o aprendiz reconheça e memorize padrões. No entanto, alfabetizar vai além do domínio do código. Rojo (2012) lembra que a escrita deve ser compreendida como prática social e multimodal, situada em contextos reais de uso, enquanto Vygotsky (1998) a entende como instrumento mediador do desenvolvimento, capaz de articular pensamento e comunicação em interações significativas.

Nesse sentido, metodologias que tornam visíveis os processos de observação, descrição e argumentação ganham centralidade. Rotinas de pensamento (RITCHHART, 2015) e práticas como o *model to apply* (uso de modelos textuais como referência para a escrita) funcionam como apoios que auxiliam as crianças em sua Zona de Desenvolvimento Proximal, favorecendo o avanço de hipóteses iniciais

para formas mais estruturadas de escrita. Para orientar e avaliar esse percurso, o referencial de Spandel (2013) sobre os traits of writing — ideias, organização, voz, escolha de palavras, fluência e convenções — oferece parâmetros qualitativos que ajudam a formar escritores atentos não apenas ao conteúdo, mas também à organização e à clareza de suas produções.

A dimensão transdisciplinar da escrita também precisa ser considerada. Morin (2000) defende que o conhecimento se constrói na interconexão entre áreas. Nesse sentido, a escrita atravessa disciplinas ao articular observação científica, pensamento lógico e expressão criativa. Além disso, García e Wei (2014) e Megale (2018, 2021) contribuem com a noção de translanguaging, que reconhece o uso integrado dos repertórios linguísticos como estratégia legítima de aprendizagem. Essa perspectiva reforça que escrever em inglês, no Brasil, é sempre um exercício de trânsito entre línguas, identidades e culturas, o que amplia o potencial comunicativo e crítico do aprendiz.

Esses referenciais teóricos fundamentam o desenvolvimento do projeto Small Details, Big Discoveries, que buscou articular observação e produção escrita. Parte-se da premissa de que a observação atenta conduz à curiosidade, à intencionalidade e à construção de significados por meio da linguagem, consolidando a escrita como prática social, mediadora e transdisciplinar do aprender.

Metodologia

A proposta foi desenvolvida em turmas de crianças de 7 a 8 anos, em contexto bilíngue. Embora o intuito principal seja compartilhar aspectos do ensino e da aprendizagem da escrita no Grade 2, é relevante contextualizar que a experiência vivida pelas crianças desde o Grade 1 constituiu a base para avanços posteriores. No ano seguinte, a produção escrita passou a se estruturar de maneira mais consciente, com foco na elaboração de frases mais complexas, organização textual, expansão de ideias e escolhas lexicais mais precisas.

O ponto de partida foi a criação de um contexto investigativo que despertasse a curiosidade das crianças, inicialmente marcado pelos comentários que surgiram ao utilizarem o microscópio para observar pequenos detalhes. A exploração do uso de instrumentos como microscópios digitais, lupas, canetas digitais e objetos diversos favoreceu a observação atenta e o maravilhamento diante de aspectos invisíveis a olho nu.

A partir dessas experiências, emergiu a necessidade de ampliar o vocabulário descritivo em inglês, para que as crianças pudessem registrar com maior precisão o que observavam e comunicar descobertas. Esse repertório foi construído por meio de leitura de histórias, desafios investigativos e rotinas de pensamento como Name–Describe–Act e Elaboration Game (RITCHHART, 2015), que possibilitaram a nomeação, a descrição e a expansão das ideias, favorecendo a formulação de hipóteses linguísticas (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999). Algumas propostas tinham como princípio tornar o pensamento visível, o que se materializou, por exemplo, em atividades de matemática nas quais os educandos precisavam comunicar verbalmente suas estratégias e traduzir imagens mentais em palavras, de modo que colegas ou até ferramentas digitais pudessem compreendê-las. Nesse movimento, vale destacar que não concebemos a escrita como mero exercício de decodificação, uma vez que assume o papel de mediadora entre percepção sensorial, pensamento e linguagem, ou seja, é entendida enquanto sistema de representação.

Além disso, foram apresentados modelos e exemplos de escrita com base no referencial Six Traits of Writing (SPANDEL, 2013), destacando, em especial, a dimensão de word choice (escolha de palavras), para o aprimoramento lexical das produções. Cada atividade foi orientada por um propósito comunicativo definido (por quem e para quem escrever), evitando fragmentações e articulando a escrita à dimensão multimodal da linguagem com imagens, fotografias, desenhos e gestos em diálogo.

Tais práticas reforçam a concepção de Teberosky e Soler Gallart, para quem a participação em atividades conjuntas permite compreender o aspecto simbólico da escrita: nas marcas visíveis, “diz algo” (TEBEROSKY, A.; SOLER GALLART, M. 2004, p. 81). Ao articular observação, escrita e múltiplas formas de representação, as crianças puderam compreender a escrita como sistema simbólico, distinto do desenho, mas em interação com ele.

Assim, as propostas metodológicas alinharam-se ao objetivo de promover sentido comunicativo e engajamento nas produções, ao integrarem registro de observações científicas, resolução de problemas e análise de padrões, como em jogos matemáticos. A integração entre linguagem, pensamento crítico e práticas investigativas permitiu às crianças compreender a escrita não apenas como código, mas como prática social, reflexiva e criadora de sentidos. Mais do que ensinar vocabulário ou estruturas gramaticais, buscou-se favorecer a clareza expressiva, a autoria e o pensamento crítico, consolidando a escrita como prática viva, multimodal e eixo articulador das

aprendizagens (ROJO, 2012).

Discussão dos resultados

Os resultados revelaram avanços na construção de hipóteses de escrita, organização textual e escolha lexical. Inicialmente, as produções mostravam forte dependência de padrões sonoros e tricky words, evidenciando a importância da consciência fonológica como ponto de partida (MORAIS, 2019). Com o desenvolvimento do projeto, as crianças passaram a articular essas convenções com um propósito comunicativo, consolidando a escrita como prática social.

A multimodalidade desempenhou papel decisivo. Ao descrever imagens de microscópios ou produzidas por IA¹, os alunos mobilizaram vocabulário descritivo, justificaram escolhas lexicais e relacionaram observações a comparações visuais, fortalecendo dimensões como ideias, organização e escolha de palavras (SPANDEL, 2013). Mais do que registrar, aprenderam a escrever para comunicar, avaliar e convencer, reforçando o papel da escrita como mediação cognitiva (VYGOTSKY, 1998).

Do ponto de vista bilíngue, destacou-se a consciência metalinguística. As crianças alternaram entre português e inglês para refletir sobre palavras, ordem sintática e clareza de expressão. Esse movimento confirma Teberosky e Soler Gallart (2004), para quem a exposição a mais de uma língua desperta a capacidade crítica de decidir que língua usar, traduzir vocabulário e julgar a forma das expressões. Essa prática não deve ser vista como erro, mas como translanguaging (GARCÍA e MEGALE), ou seja, uso integrado e criativo do repertório linguístico disponível. O percurso de aprendizagem revelou a emergência de jovens escritores capazes de articular linguagem, pensamento e criatividade em contextos diversos de aprendizagem.

Conclusão

A experiência evidenciou que o desenvolvimento da escrita em língua inglesa ganha potência quando sustentado por uma concepção socioconstrutiva, transdisciplinar e translinguística. Os resultados apontam que a escrita, em contexto bilíngue, não deve ser compreendida apenas como habilidade linguística, mas como uma prática social viva, que atravessa diferentes áreas do conhecimento, integra repertórios culturais e

¹ Neste caso, foi utilizada a ferramenta do *CANVA* para gerar imagens a partir de frases descritivas. <https://www.canva.com/ai-image-generator/>

promove a formação de uma consciência crítica sobre a língua e sobre o mundo.

Nesse sentido, o estudo contribui para o debate acerca da alfabetização em contexto bilíngue ao demonstrar que aprender a escrever em inglês constitui, simultaneamente, um exercício de pensamento, de comunicação e de convivência entre culturas.

Por fim, reafirmou-se o caráter transdisciplinar da escrita. Como propõe Morin (2000), a transdisciplinaridade surge quando uma prática ultrapassa fronteiras disciplinares e supera fragmentações. Foi exatamente o que se observou: a escrita assumiu o papel de eixo integrador das aprendizagens, possibilitando um percurso formativo mais amplo, reflexivo e conectado com as complexidades do mundo contemporâneo.

Referências

- CAMERON, L. *Teaching Languages to Young Learners*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- EHRI, L. C. Learning to read words: Theory, findings, and issues. *Scientific Studies of Reading*, v. 9, n. 2, p. 167–188, 2005.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- GARCÍA, O.; WEI, L. *Translanguaging: Language, Bilingualism and Education*. London: Palgrave Macmillan, 2014.
- MEGALE, Antonieta Heyden. Educação bilíngue de línguas de prestígio no Brasil: uma análise dos documentos oficiais. *The ESPECIALIST*, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 1-20, 2018.
- MEGALE, A. H.; ROCHA, C. H. Translinguagem e seus atravessamentos: dos entendimentos conceituais às possibilidades para descolonizar a educação linguística. *Scripta*, v. 25, n. 53, 2021.
- MORAIS, A. G. *Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização*. São Paulo: Autêntica, 2019.
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.
- RITCHHART, R. *Creating Cultures of Thinking*. San Francisco: Jossey-Bass, 2015.
- ROJO, R. H. R. *Escola conectada: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2012.
- SHIN, J. K., & CRANDALL, J. (2014). *Teaching Young Learners English: From Theory to Practice*. National Geographic Learning.

SPANDEL, V. Creating Young Writers: Using the Six Traits to Enrich Writing Process in Primary Classrooms. 3. ed. Boston: Pearson, 2013.

TEBEROSKY, A. & SOLER GALLART, M. Contextos de Alfabetização inicial. Porto Alegre: Artmed, 2019.

VYGOTSKY, L. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.